

“A décima terceira hora ainda que seja sempre a mesma, jamais é a mesma que a primeira”: Inflexões da noção do tempo complexo no Ensino de Filosofia na Atualidade

Alan Willian de Jesus – NEPED/PPGE/UFJF – Bolsista FAPEMIG

Luciana Pacheco Marques – NEPED-FACED/PPGE/UFJF

Kaluany Honda Leone – NEPED/UFJF

A expressão do pensador francês Edgar Morin contida em sua obra “O Método I: A natureza da natureza”, materializadas já no título desses manuscritos como a similitude de nossas intenções, aqui, nos faz remeter indubitavelmente que pelas histórias e pelas vidas, os sujeitos habitam e vêm sendo habitados pelo tempo.

A vida tem uma história e a história tem uma vida. Nesse tempo, parece-nos redundante dizer que o caminho do homem e da mulher é fluido e vivo, e que o mundo não é previsível, inflexível, determinado; mas e se porventura disséssemos que este caminho já não é mais dotado apenas da concepção da pura ordem? Inculcaríamos talvez com tamanha pretensão de retórica; tal sentença, no entanto, sinalizaria a possibilidade de haver um ruído no silêncio de nossa certeza. A rigidez de se pensar o mundo num delineamento matemático vem se desfalecendo por dentro de seu próprio sistema. Há uma obscuridade e uma crise na certeza. Há sem dúvidas uma crise da Modernidade (MORIN, 2011).

Temos percebido esta crise capilarmente difundida pelas diversas áreas do conhecimento e indubitavelmente em nós. Apesar de sermos constituídos por partes dessas jornadas de tensões, desafios e possibilidades pelo tempo contraditórias em si, certa ciência e certa filosofia não deixavam de ditar o impulso do progresso social, mas que simultaneamente fervilhava a apologia do “ideal humano”, onde se procurou ler o mundo à luz de uma visão de espaço e de tempo matematizados, a partir dos quais se entendia que poderia também ler a vida. A ideia de certeza e

de ordem posta pelo insuflamento de um olhar matematizado de mundo como cerne da Modernidade, procurou trazer e revelar um caminho seguro de se estar e seguir, onde, junto, procurou-se eliminar as incertezas. A história mostra esses acordes tanto na filosofia com Descartes, quanto também na física com Newton. Aliás, nos bastidores da força sendo igual à massa multiplicada pela aceleração, não podemos fechar os olhos à lógica da ordem que o universo e a vida teriam de estar submetidos.

Esses relâmpagos da história aquinhoando os lapsos dos tempos nos levam ao questionamento sobre quais pais históricos temporais somos mais parecidos. O tempo sem dúvida tem sido objeto de fascinante para se pensar a própria vida.

Anunciar uma possibilidade outra de se experienciar o tempo e suas possibilidades no Ensino de Filosofia, envolve pensar a realidade a partir de nossa própria sapiência e demência¹. O paradoxo está em nós. “Hoje, parece ser a única forma de qualquer coisa, a única condição imposta a todo ser” (BALANDIER, 1999, p. 8). A questão é que também, as palavras rapidamente se desfalecem quando tentamos deter com elas mesmas, as relações complexas de um tempo cujo movimento é inevitável. No fluxo contínuo da vida, constituímos-nos também pelas interações que fervilham pelo tempo fora de uma lógica linear evolutiva. Pela multiplicidade e a velocidade dos eventos no hoje, o caminho histórico do mundo nos mostra que existiram e que existem outras facetas que impulsionam a vida e o sujeito no tempo e por que não dizermos, formas de se conceber e controlar a vida através de um entendimento de um tempo congelado.

Entretanto, algo diferente vem acontecendo pela história, nos possibilitando neste agora, através de outro prisma, tornar fluida não somente a vida presente, mas compreender que o passado também não é estático, e que logo, o futuro não é fatídico pelo determinismo de um disparo factual da história. Se neste movimento não somos impedidos de pensar que os eventos retratados em nossa memória possui uma vida, e que esta pode ou não nos possuir, entendemos que a vida é mudança e possui uma história, podendo ser alterada por nossas escolhas possuidoras e complexas, que buscam outros ângulos para observar os recortes da própria história, os recortes da própria vida e os recortes que fazemos do Outro e de nós mesmos; onde podemos nos deparar com novos recortes que antes não víamos; porém, à luz de outras historicidades construídas com outros acontecimentos, onde o “eu” ressignificado pode ser capaz de desencaixar os acontecimentos supostamente congelados e descongelar os registros históricos do tempo, pois o tempo é fluido.

A literatura, a filosofia, a poesia, a sociologia, a ciência... que trouxeram o mito da felicidade na Modernidade; os disparos da produção em massa no século XIX; a relação paradoxal com a morte; a apologia do normal; a fragmentação do ser e do saber; trouxeram nelas mesmas, possibilidades de

¹ O homem é um ser que não vive apenas da racionalidade, nós também nos desgastamos, dançamos, temos ritos. Somos uno e múltiplo. Tal como nos diz Morin (2002b, p. 52), “o humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária”. Estamos na condição atual de *Homo sapiens sapiensdemens* (MORIN, 2002b).

pensar o movimento atual complexo que vivemos sob outro olhar, sobretudo, a necessidade de pensar de forma mais humilde e menos mutiladora, que não promova uma razão que adoeça o ensino através de um tempo fragmentado, que hora aparece numa lógica dos duplos jogos de “retroação positiva”, ou hora apenas na lógica da “retroação negativa” (MORIN, 2005, p. 274).

Se percebemos que há um descompasso entre o ser o saber através da própria noção do tempo, ou seja, do movimento da própria vida em que pese buscar situar a existência humana diante da realidade, seguimos esta inflexão aos rastros também de como já havia anunciado Karl Marx, que os filósofos têm interpretado o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo. Transformar, porém, a própria forma que nos forma. Transformar o Ensino de Filosofia. Religá-lo. Compreender um Ensino que carregue um tempo duplo em sua forma mesma. Que possibilite abertura ao novo através do escoamento das verdades que enrijecem. Que possibilite uma reflexão do ser a partir de um entendimento do tempo como acontecimento uno e múltiplo, de repetição e de dispersão; um Ensino de Filosofia que considere o devir constituinte das próprias relações humanas, onde o movimento dialógico é o próprio disparate da aceitação paradoxal da ordem e da desordem constituinte do homem no mundo; necessitamos, pois, de uma “relição” (MORIN, 2000). Uma relição dos tempos no Ensino de Filosofia em movimento complexo.

O reducionismo nos conduziu a uma cegueira. A cegueira paradigmática nos levou ao esgotamento do mundo, ao colocarmos para fora de nós o pensamento reducionista. Conforme Morin (2007, p. 120)

Muitas são as fontes de cegueira: em relação a si e ao outro, fenômeno geral cotidiano; cegueira pela marca da cultura nos espíritos; cegueira resultante de uma convicção fanática, política ou religiosa, de uma possessão por deuses, mitos, idéias; cegueira proveniente da redução e da disjunção; cegueira por indiferença, ódio ou desprezo; cegueira criada pelos turbilhões históricos que arrastam os espíritos; cegueira antropológica vinda da demência humana; cegueira oriunda de um excesso de racionalização ou de abstração, as quais ignoram a compreensão subjetiva. Cegueira por desconhecimento da complexidade.

Em meio às nossas verdades de conhecimento no que tange ao processo de Ensino de Filosofia, em muitos casos não imergimos na complexidade do ser em seu movimento inacabado na Educação nesses tempos complexos. Não é somente o fato de o ensino apresentar descontextualizado da vida dos estudantes, mas como o paradigma da Modernidade tem guiado os passos da temporalidade do professor na Atualidade, tornando o tempo um mecanismo de confinamento, capaz de regular as relações de aprendizado através da dicotomia inerente a este pensamento. Instaura-se a dicotomia quantidade x qualidade; a apologia entre melhor x pior; a separação teoria x a prática... Uma visão disjunta do ser e do saber reside ainda na Atualidade, no entanto, o homem vive a construção de sua própria identidade concomitante com a dependência de seu meio cultural. Os paradigmas da atualidade rogam pelo dobrar dos sinos a uma cabeça cheia, pois mais vale uma cabeça bem-feita (MORIN, 2002a). Há a necessidade de se pensar tecido junto, num movimento frenético que anseia por isso, onde as palavras mais perenes duram na composição do efêmero, da incerteza, da crise, da desordem, junto às certezas e ordens.

Se capilarmente difundida pelas diversas áreas do conhecimento estão os ideais de simplificação da Modernidade, que de alguma forma procurou eliminar as incertezas e a desordem do movimento da própria vida; a forma opaca de se perceber como estes processos afetam a vida, tem seguido o percurso do próprio Ensino de Filosofia. Como a própria Modernidade, existe no ensino de Filosofia monstros e maravilhas. “A questão é saber se os monstros destruirão as maravilhas ou se as maravilhas subjugarão os monstros” (MORIN, 2011, p. 31). Isso implica em refletirmos sobre o tempo mecânico que sufoca o nosso cotidiano, e conseqüentemente a nossa forma de ver o mundo, criamos pouco; e o tempo do movimento do ser, que possibilita transgredir o que está posto pela fragmentação em toda âmbito. Vivemos na concepção do detrimento dos tempos. A forma peculiar de se ver, sentir e agir no mundo, nutrindo a lógica da materialidade sobre o espírito, a exacerbação da inteligência em detrimento do sentimento precisa ser problematizada no Ensino de Filosofia, não para simplesmente ensinar sobre essas coisas, mas afim de que vivenciemos isso e assim o ensino possa emergir de um acontecimento que saia da mesmidade pedagógica (SKLIAR, 2002). Há ensino de filosofia ou repetição de filosofias?

A historicidade do ser aparece no turbilhão do “tempo aberto e fechado” (MORIN, 2005, p. 265). Segundo Morin (2005, p. 265), “todo sistema, toda organização são submetidos ao tempo”. Doravante, para pensarmos a luz/sombra deste axioma, recorreremos ao que Morin (2003, p. 44) nomeia de complexo; ou seja, “o que é tecido junto”, que advém do latim *complexus*. Desta forma, entendemos que compreender o tempo em seu próprio antagonismo que não se exclui, implica numa relação irreversível e circular que não era compreendida nos moldes da Modernidade, acarretando no pensamento disjunto. E é justamente nesses meandros que o ser é também compreendido. Se corroboramos que a história do próprio ser habita no tempo, a forma de se compreender o tempo implica diretamente em como vemos a vida e o Outro. Daí então, buscamos no pensamento de Morin (2003), a necessidade de uma alteridade dialógica e complexa nesse movimento, lançando um olhar para nós mesmos, de maneira crítica e vigilante, despindo-nos da armadura forjada com verdades absolutas e nos abrimos irremediavelmente ao Outro; onde a pura repetição ou a pura deriva, dar-se-á lugar a complexidade do tempo uno e múltiplo no aprendizado.

Os tempos não são justapostos, se interpenetram; contudo não são os mesmos. Passamos pelo tempo e o tempo passa por nós, estamos com ele, habita simultaneamente em nós e fora de nós, no Outro em sua Outricidade. Ele já residia no planeta antes de nossa existência e continuará habitando-o após a morte, expondo sua arte criadora da realidade contínua na vida. Pensemos então como o Ensino de Filosofia tem tratado a noção de tempo no mundo atual complexo e, que ética esse movimento tem produzido e/ou reproduzido no que tange a pensar a si mesmo, a vida e o Outro? Se por um lado acreditamos que a vida só faz sentido com a existência do Outro, essa duração no Ensino de Filosofia precisa ser feita de forma crítica e religada na forma de se compreender o afetamento da concepção de tempo como um fluxo contínuo na vida cotidiana que apresenta certa descontinuidade.

A questão que está imbricada em pensar e repensar o tempo em nossas vidas, não é de apenas compreendê-lo de outra forma, mas de compreendê-lo num movimento retroativo duplo. A própria organização de nossas vidas sendo afetada pelos entornos e contornos de como vemos o apreendemos o tempo. Doravante, Carlos Skliar (2002), nos dá indícios de vivificarmos tais processos no próprio cerne do Ensino. Assim, pois, se as mudanças já não são o que eram, e que é a mudança que nos pensa, é possível, pensarmos ainda a mudança educativa a partir de outra lógica de se conceber o tempo neste âmbito no Ensino de Filosofia.

Pensamos agora a mudança educativa como uma reforma do mesmo, como uma reforma para nós mesmos. A mudança educativa nos olha agora com esse rosto que vai se descaracterizando de tanta maquiagem sobre maquiagem. Porque a mudança nos olha e, ao nos olhar, encontra somente metástases de leis, de textos, de currículos, de didáticas e de dinâmicas. Mas nenhuma palavra sobre as representações como olhares. Nenhuma palavra sobre a vibração com o outro. (SKLIAR, 2002, p. 199)

O afetamento da noção de tempo no Ensino de Filosofia nos incita em falarmos de conscientização no Ensino na Atualidade. Uma conscientização no sentido puro, em que não nos apoiemos em verdades pré-estabelecidas, e nem num ato que termina e que apenas ordena. Repensar a lógica de viver a espacialidade do tempo que enclausura, e que pouco pensa sobre si mesmo. O tempo e o Ensino de Filosofia se interpenetram; mas, pouco nos perguntamos sobre o nosso tempo através das questões que inculcam o nosso ser, fazendo do nosso pensamento movente. Pouco nos movemos rumo à autocrítica, mas, por vezes, nos fincamos no ontem; divagamos no alento da máquina perfeita cartesiana e newtoniana. Neste fincamento, o Ensino de Filosofia pouco se move. Mover-se significaria pisar na areia movediça da incerteza. É deixar a repetição e proporcionar a criação. Uma poética da Filosofia.

Se consideramos a Educação Sistêmica, é necessário invertermos. Desdobrarmos. Desdobrarmos. (Re)inventarmos os espaços institucionalizantes e institucionalizados com o Outro que forma a conjuntura do processo dialógico envolto no Ensino de Filosofia, indo na contra mão de um ensino que congela as possibilidades através apenas de uma retroação negativa; ou tampouco apenas no outro extremo, tal como vemos na retroação positiva. Isso sugere “uma pedagogia do acontecimento, uma pedagogia descontínua, que provoque o pensamento, que retire do espaço e do tempo todo saber já disponível; que obrigue a recomeçar do zero [...] que emudeça a mesmidade” (SKLIAR, 2002, p. 211).

Este tempo é o único que temos. Mas este tempo não é único possível. São tempos que se atravessam, mas que são antagônicos e complementares. É neste íterim que o Ensino de Filosofia precisa se fazer. Atravessado com o Outro, possibilitando no seio das incertezas e certezas, um ensino que possibilite o Outro filosofar. Pelos encontros e desencontros de nós mesmos, a partir da crítica aos moldes que estão postos, procurando dialogar as ideias contrárias. O antagonismo reside em nós, – o egocentrismo e o altruísmo –, é necessário à vigilância de si nesses limiares que nos constitui, para que a vida fragmentada não se perca na unidade do “Eu” e “eu” que nos forma, a afim

de que não nos ceguemos a retroação negativa sozinha, que é apenas estática, isto é, que impossibilita a criação; tampouco a retroação positiva, que é apenas dispersão, e que sozinha vagueia à deriva. Compreender o Outro no processo de Ensino de Filosofia sem tal criticidade é compreendê-lo sem seu corpo e alma que se constitui no tempo. Estamos no redemoinho do tempo, da morte e da vida, que se entrelaçam na dialógica da ordem e da desordem produzindo a organização, pois que um caminha lado a lado com o outro em meio ao tempo que reconhece os acasos pela irreversibilidade e pela quase precisão do movimento de rotação. No entanto, é imprescindível sabermos que “um mundo totalmente desordenado seria um mundo impossível; um mundo totalmente ordenado tornaria impossíveis a inovação e a criação” (MORIN, 2007, p. 206). Nossa existência não se desvincula desta cascata de acontecimentos. É mister compreendermos pois, que os diferentes tempos se complementam, são concorrentes e antagônicos que constituem juntos o tempo da vida em seu próprio redemoinho que traz o germe da riqueza ramificada e diversa, una e múltipla (MORIN, 2005). “O tempo da vida é com efeito o tempo dos acontecimentos, o tempo dos ciclos” (MORIN, 2005, p. 267). Aqui então, a nós e ao Ensino de Filosofia, resta a reflexão de (re)pensar como objeto desses apontamentos, o quão enovelados estamos neste movimento complexo, cuja historicidade da vida do Outro caminha conosco, constituindo conforme Morin (2005) uma desordem ativa e uma desorganização permanente, aberto ao novo. O encontro com o Outro na complexidade de um Ensino de Filosofia que possibilite filosofar a realidade junto ao movimento de que o tempo é a própria vida.

Referências

- BALANDIER, Georges. O dédalo: para finalizar o Século XX. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MORIN, Edgar. A epistemologia da complexidade. In: MORIN, Edgar & MOIGNE, Jean-Louis Le. (Org.). A inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis, 2000. p. 43-137.
- _____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a
- _____. Os sete saberes necessários a educação do futuro. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002b.
- _____. Meus Demônios. Tradução Leneide Duarte, Clarisse Meireles. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. O método I: A natureza da natureza. Tradução Ilana Heineberg. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. O método 6: Ética. Tradução Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. Rumo ao abismo?: Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução Edgar de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- SKLIAR, Carlos. A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui? In: LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabete (Org.). Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 196-215.